



ARTIGO

**DIA DAS FLORESTAS:
VALE A PENA
DERRUBAR ÁRVORES?**

Era de amor a relação dos indígenas com a mata, principalmente antes da invasão portuguesa. Falando assim, pode parecer romantismo, meio papo de maluco. Só que não é. Sabe o lugar que marcou a sua vida? A casa da avó, o parquinho ou até a lanchonete perto do trabalho?

Aí, num dia, a casa é demolida. O parquinho, derrubado. E a lanchonete fecha. Não vem um troço ruim, um sentimento de perda?

Agora, imagina que você nunca viajou. A sua terra natal é o seu mundo. No cemitério, estão todos que já morreram. Por perto, há o lugar onde brincou na infância. Logo ali fica o morro em que você sobe para pensar. Tem o cantinho onde namorava às escondidas. É uma relação muito intensa com o território. As árvores, a montanha, o rio começam a parecer ter intenção. Os bichos e os humanos se familiarizam, às vezes até se comunicam. O entorno ganha um caráter espiritual.

Os indígenas também tinham no mato a sua fonte de cura. Suco de maracujá para dormir. Unha-de-gato para infecção. Aroeira para pele e inflamações. Guaraná para dar ânimo. Folha de coca alivia fadiga. João-pé-de-galinha diminui o estresse. Quebra-pedra para acabar com pedra nos rins. Jurema e ayahuasca para ganhar entusiasmo. Até tabaco, para ansiedade. Este, chamado pelos portugueses de erva santa, foi descrito no século XVI pelo padre Cardim como “uma das delícias desta terra”, embora percebesse os perigos dela, registrando portugueses “perdidos por ela, com grande vício, dia e noite deitados nas redes a beber fumo, como se fora vinho”.

Há plantas medicinais nas nossas matas para todo tipo de males. Peçonhas, sarnas, lombrigas, estômago, febre, dor de dente, baixa virilidade masculina e feminina, e por aí vai. Sejam nas beberagens do congado ou nas garrafadas nordestinas, são muitos os resquícios dessa cultura riquíssima herdada de curandeiros indígenas.

Após conquistar o território, os portugueses não demoraram a perceber o valor disso. Jesuítas logo estabeleceram o monopólio da cura, já vigente na Europa, onde pessoas que empregavam ervas, na maioria mulheres, acabavam queimadas em praça pública como bruxas. No Brasil, temos o registro de 1556 de um xamã da região de Rio Vermelho, em Salvador, preso por curar um doente de leishmaniose, a mando do irmão Antonio Rodrigues. Os jesuítas estabeleceram grandes boticas para reunir o poder das plantas, a mais famosa a botica da Bahia.

Uma reviravolta veio em 1808, com a vinda da família real portuguesa. No Rio de Janeiro, a nova sede do império, uma das primeiras ações do monarca foi a criação do Jardim Botânico. É que, ao rei, interessava conhecer e possuir plantas e sementes, até para o replantio em caso de pragas. O Jardim Botânico nasceu como uma espécie de cofre. Menos de uma década depois, partiam grandes expedições naturalistas Brasil adentro, com destaque para Auguste de Saint-Hilaire, que reuniu 24 mil espécimes de plantas. O mato virou política de estado.

Só que, de lá pra cá, tivemos altos e baixos. Mais baixos. A Mata Atlântica começou a ser derrubada no final do século XIX para dar lugar ao café. Hoje, 90% dela está destruída.

Nas décadas de 1960 e 70, período da ditadura militar, foi a vez da Amazônia. Com grandes obras e incentivos para exploração da floresta, já em 78, 14 milhões de hectares estavam desmatados. Entre o assassinato de Chico Mendes e sucessivos recordes de desmatamento, hoje são 110 milhões de hectares devastados, ou 20% da cobertura original.

Neste Dia Internacional das Florestas (21/03), acho que vale a pergunta, valeu a pena? Estamos ficando ricos assim? Ou estavam certos aqueles povos originários que gostavam das suas árvores de pé?

Viktor Waewell é escritor, autor do livro “Guerra dos Mil Povos”, uma história de amor e guerra durante a maior revolta indígena do Brasil.

JORNAL DIÁRIO DA SERRA

Propriedade da
AJOTA

ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA

CNPJ: 29.464.235/0001-16

Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque Mansões
78302-028 Tangará da Serra-MT

ISSN 22386467

REDAÇÃO

DIREÇÃO DE JORNALISMO

Fabíola Tormes

CONTATO

ds@diariodaserra.com.br

Envie Pautas, Fotos Sugestões e Vídeos para o whatsapp do

DIÁRIO DA SERRA

(65) 3326-4724

www.diariodaserra.com.br

www.ds.jor.br

TIRAGEM

1 MIL EXEMPLARES

CIRCULAÇÃO

Tangará da Serra, Nova Olímpia, Barra do Bugres, Porto Estrela, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Denise, Arenápolis, Nortelândia e Santo Afonso.

CENTRAL DO ASSINANTE

(65)3326.6501

DEPARTAMENTO COMERCIAL

PUBLICIDADE ASSINATURA

PUBLICIDADE LEGAL

Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA

SERVIÇOS GRÁFICOS

E. Tormes e Cia. LTDA

CNPJ: 14.048.123/0001-07

CONTATO: adm@diariodaserra.com.br

Fone: (65) 3326-4724

Diário da Serra

© DIÁRIO DA NOTÍCIA

FUNDADO EM 11 DE NOVEMBRO DE 1996

EDIÇÃO ON-LINE DESDE 06 DE SETEMBRO DE 1997

Endereço: Av. Tancredo Neves - 1247 W

Parque Mansões - CEP:78300-000

Tangará da Serra - MT - Brasil

 www.facebook.com/jornalds



@diariodaserra

1ª DISCUSSÃO

Lei proíbe Energisa de protestar consumidores em Tangará da Serra



Proponente do projeto é o vereador Hélio da Nazaré

PL quer proibir o protesto em cartório das contas de energia atrasadas

ROSI OLIVEIRA / Redação DS

Muitas pessoas não sabem, mas o não pagamento de contas de energia podem gerar protesto, colocando o consumidor em situação nada agradável.

As principais companhias de energia do Brasil, como a Energisa, que atende em diversas regiões, inclusive Tangará da Serra, utilizam os serviços dos cartórios de protesto para cobrar as contas em atraso. Isto significa que atrasar o pagamento ou não pagar a conta de luz pode “sujar” o nome.

AMAZÔNIA LEGAL

Mato Grosso reduz desmatamento em 74%, aponta Imazon

Conforme o levantamento, em janeiro e fevereiro de 2023, foi identificada a derrubada de 242 mil km² de floresta, enquanto no mesmo período deste ano o tamanho foi de 63 mil km².

A secretária de Estado de Meio Ambiente, Mauren Lazzaretti, observou que a redução da área derrubada é resultado da política de tolerância zero contra o desmate ilegal em Mato Grosso, bem como dos investimentos do Governo do Estado para fiscalização e monitoramento por satélite, e fortalecimento do licenciamento ambiental.

“A redução do desmatamento bruto, que é verificada, é um reflexo da atuação forte do Estado de Mato Grosso contra a ilegalidade”, destacou.

Somente neste ano já foram aplicados mais de R\$ 186,13 milhões em multas por crimes ambientais na Amazônia Legal, com 505 multas aplicadas e 413 termos de embargos.

sa uma conta, tem o Sersa, Serviço de Proteção ao Crédito e, vários outros meios de negativar o nome da pessoa sem custos para a mesma”, ressalta o proponente do projeto, o vereador Hélio da Nazaré (PSD), que se refere a Lei Nº 9.492, de 10 de setembro de 1997, artigo 26, § 1º e 2º, que declara que o procedimento de cancelamento de protesto é de responsabilidade do inadimplente. Ou seja, após o protesto, não basta fazer o pagamento da conta em atraso com o credor, é preciso fazer o também o cancelamento de protesto no cartório para limpar seu nome, o que tem custo de valor muitas vezes mais elevado que a conta de energia em si, que deu origem ao protesto.

CAMILLA ZENI / Secom - MT

Mato Grosso registrou queda de 74% no tamanho de áreas de Amazônia Legal desmatadas nos dois primeiros meses de 2024, em comparação com o mesmo período do ano passado. O levantamento considera dados do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), divulgados dia 18 de março.